

# Carlos Liscano: textos do cárcere.

## Reflexão e primeiro romantismo

Selomar Claudio Borges<sup>1</sup>

11

Carlos Liscano começa a escrever numa prisão militar para presos políticos no Uruguai, lugar que, no limiar do paradoxo e da ironia, leva a alcunha de “Penal de Libertad”. Como prisioneiro, experimenta os castigos de longos isolamentos e a tortura, consequência do terrorismo de Estado impetrado no país mesmo antes de se instalar, arbitrariamente, a ditadura cívico-militar que, oficialmente, decorre de 27 de junho de 1973 a 28 de fevereiro de 1985. Preso em 27 de maio de 1972, manuscreeve, em pequenos papéis avulsos e em meio à proibição, parte fundamental de sua obra literária.

Para que essa obra surja em meio à reclusão, parto da ideia de que Liscano lê certa tradição por meio dos próprios livros presentes no cárcere em que esteve preso. Porém, no seu caso, tal tradição aqui não é lida na perspectiva das “influências”, posto que as reflexões que os próprios textos do escritor uruguaio suscitam acerca da literatura e do ato de escrever não se dão sem crise, resultando numa literatura singular que difere do que se poderia esperar de um preso com referências esparsas e restringidas. Seus

---

<sup>1</sup>Professor do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do Núcleo Juan Carlos Onetti de Estudos Latino-Americanos - UFSC e do Grupo de Pesquisa Interfaces da Educação – IFSC.

textos apontam a diversos pensamentos de diferentes épocas, num mosaico que parece advir de uma necessidade de recheiar seus escritos de vozes plurais, aparentemente sem critério fixo. Porém, sua disposição à citação remete a uma demanda de seu processo de escrita, no qual é requisitado, de antemão, um rigor metodológico nas operações prévias de seus registros literários, tais como em notas, transcrições e apontamentos e, do mesmo modo, nas construções tendentes a serem escritos finalizados.

Daquelas tantas leituras fundamentais para a idealização dos seus primeiros escritos no cárcere, Liscano parece ter selecionado algumas que problematizam questões inerentes ao próprio pensar sobre a literatura. Por isso, prenuncio que suas leituras sobre o romantismo alemão e os rastros deste na literatura lida pelo escritor uruguaio, na prisão, são as que desencadeiam a singularidade de sua obra no que tange a seu viés teorizante e crítica imanente e, em particular, encaminhando-a ao trabalho com uma das forças que contaminam o conjunto de sua obra, a reflexão.

Como ponto de partida para essa proposição, é determinante uma fala do próprio escritor em uma entrevista concedida a mim em 2010:

12

[...] los románticos alemanes que me impresionaron mucho [Liscano está se referindo às leituras do cárcere]. Pensé: estoy haciendo mi herencia propia, con lecturas desordenadas, estoy haciendo mi biblioteca caótica. Y eso se mantiene hasta ahora, en el sentido en que no me siento en esa literatura latinoamericana más conocida [...] Me acuerdo que leí un libro sobre los románticos alemanes estando en la cárcel y quedé fascinado, de ahí me puse a leer los románticos alemanes, lo poquito que podía. Y cuando estaba en Barcelona o Copenhague, en 1986, fui a buscar el libro ese sobre los románticos alemanes, pero estaba fuera de catálogo, había desaparecido. 15 años después, en Barcelona, voy caminando y lo veo. ¿Qué tiene que ver un uruguayo con los románticos alemanes? No lo sé, pero a mí me fue importantísimo. (LISCANO, 2010)

Essa pista fez com que eu pudesse (a)postar o olhar numa direção e, com isso, dialogar com a obra de Liscano nesse sentido. Igualmente, foi possível repisá-la a partir da remissão à escavação da “biblioteca” de Liscano ao encontrar-me com o livro por ele referido, o mesmo que teve em mãos na prisão: uma antologia do romantismo alemão intitulada *El entusiasmo y la quietud* (tradução ao espanhol do original *L'entusiasme i la quietud*), organizada pelo poeta, narrador e ensaísta catalão Antoni Mari.

Além disso, como chave fundamental para inquirir sua obra carcerária, as notas que Liscano ia tomando de suas leituras na prisão durante muitos anos, nas quais, igualmente, são encontradas referências aos românticos alemães e, portanto, possibilitam as conexões que aqui proponho, percebendo-as plasmadas nos seus escritos. Esses apontamentos manuscritos no cárcere pelo escritor encontravam-se inéditos até 2015, quando o próprio escritor os transcreveu para publicá-los, no ano seguinte, sob o título de *Apuntes de la cárcel*.

Os *Apuntes de la cárcel* é o registro de um mecanismo para a reflexão em que a arte é o motivo, um conjunto de anotações a punho em papéis conseguidos na prisão. São 117 papéis de variados tamanhos, ainda que, em sua maioria, sejam compostos por folhas de carta, estas completamente preenchidas com letra miúda. Quase não existem rasuras, talvez pelo fato de que Liscano periodicamente revisava as anotações e voltava a copiá-las.

13

Desses apontamentos, percebe-se o quão heterogêneas eram suas leituras (próprias de um “lector salteado”, como depois o próprio escritor ficcionará um percurso literário possível, em diálogo com Macedonio Fernández). Um atlas que, em princípio, aparenta uma junção dessemelhante de interesses ou mesmo o resultado de escolhas fortuitas. Vemos a presença de Todorov, Foucault, Lúkacs, Spencer, Jakobson. Dámaso Alonso, Cernuda, Martí, San Juan de la Cruz. Hölderlin, Rimbaud, Shakespeare, Hesse, Dino Buzzati, Felisberto Hernández, Cortázar, Faulkner. O próprio autor pensava ser, naqueles tempos, seu intento de formação intelectual, e vai concluir, décadas depois, ter sido um pensar ingênuo, próprio de um jovem de vinte e poucos anos. No entanto, minha opinião é de que foi exatamente nesse percurso de leitura caótica (também aqui a ideia do caos como força geradora) que foi propiciada a elucidação de um proposital delírio de um projeto impelido por forças volitivas irremediáveis (o desejo de ser escritor, e não só, a afirmação: sou escritor).

Em vista disso, muitos dos assuntos presentes em seus escritos se relacionam ao que foi debatido em importantes momentos históricos, os mesmos que se mantêm retornando e, desse modo, atravessam toda a história da literatura. Tais discussões não estão isentas de que se vejam

limitadas pelas paredes visíveis e invisíveis das universidades, ou por bibliografia quase privativa, restringida pelas especificidades (crítica literária, teoria literária, filosofia, psicologia, etc.). Dessa maneira, uma literatura como a sua, pensada e produzida no encerro, presume-se, deveria estar ainda mais alijada de tais diálogos. No entanto, os textos escritos no cárcere por Liscano terminam por propor uma intervenção dinâmica de teóricos e pensadores adstritos ao fomentar a discussão de questões fundamentais para entender o processo do sujeito que se põe a escrever e dessa escritura que se reflete. O paradoxal está no fato de que o preso Liscano não lia diretamente a muitos desses intelectuais e suas proposições, senão que o fazia por vias difusas, a partir de textos diversos que lhe chegavam às mãos estando preso.

Alguns críticos projetam a ideia de um Liscano do cárcere como escritor do silêncio. De minha parte, ao contrário, penso num escritor envolto de muitas vozes, que as escuta e compartilha com elas um jogo quase esquizofrênico, de delírio é certo, mas com e como “reflexão”. Reflexão de e com a escrita em meio à multidão de fantasmas, sejam estes dos livros lidos, sejam do contexto em que esteve envolto. Leio, portanto, um Liscano ruidoso, jogando com o “ruído”, um ruído-ruína (lembrando Benjamin), em que muitas vozes lhe gritam ao ouvido (na vertente derridiana da “orelha do outro”), partindo daí seu desvario controlado ou dirigido.

Assim sendo, diante de seus escritos carcerários e de certas relações neles presentes, considero que Liscano articulou a temática da reflexão (também da ironia) de um modo que me permite aproximá-lo ao primeiro romantismo alemão. Parto, logo, de um eixo argumentativo que visualiza a compreensão da literatura com sua possibilidade intrínseca de diálogo com tempos múltiplos, daí a noção benjaminiana de “origem”, qual seja o “salto” que o texto dá em “direção ao novo”, produzindo sua “pré” e “pós-história”. Avalio que a literatura produzida por Liscano no cárcere me permite essa análise anacrônica.

Liscano começa a escrever na prisão de maneira similar à forma que os primeiros românticos tratavam a literatura: como um ato reflexivo. A partir da ideia explorada por Benjamin, de que a reflexão é entendida como

pensamento na autoconsciência refletindo a si mesmo, um dos pontos pilares da filosofia dos românticos de Iena, trabalho a hipótese de que preocupação similar, a de manipular a reflexão e seus diferentes graus, está presente nos manuscritos de Liscano. Ou seja, no constante pensar sobre o pensar, performatizado nos seus escritos, manifesta-se a problematização da noção de crítica de arte, criticidade que pode revelar a sua imanência na própria obra, o que, por sua vez, remete-nos a uma releitura teórica, lindando o filosófico, nos textos do autor uruguaio.

O trabalho literário primeiro de Liscano, ou seja, os manuscritos do cárcere – nos quais está presente *La mansión del tirano*<sup>2</sup>, por exemplo—, constitui-se num projeto como processo. Entendo esse processo como o de ver a literatura como arte de reflexão, de si, do outro, dela mesma; e que reflete sobre a própria reflexão e o ato de refletir. Já ao propor a conexão de Liscano com o refletir a reflexão, reporto-me inicialmente ao Benjamin de *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, texto de sua tese de doutorado, escrito entre 1917 e 1919. Benjamin, inclusive, também se remete à ficção para exemplificar o conceito de reflexão para os românticos de Iena ao partir do romance *Lucinde* (1799) de Friedrich Schlegel: “O pensar tem a particularidade de, próximo a si mesmo, pensar de preferência naquilo sobre o que ele pode pensar sem fim” (SCHLEGEL, F., 1799 *apud* BENJAMIN, 1993, p. 29).

15

Por sua vez, Liscano, apesar de também ter produzido o diário no qual relatou seus experimentos metodológicos e seus planos de construção e evolução de sua escrita literária, fez da própria ficção seu campo de teorização e crítica. Logicamente, no entanto, não defendo que Liscano reproduza direta e resolutamente os postulados de reflexão e crítica dos primeiros românticos de Iena, ainda que os tenha lido, fragmentariamente, na prisão. Antes, considero que sua aproximação com o romantismo alemão se deva também à própria literatura lida e escolhida por ele, e daí sua

---

<sup>2</sup>*La mansión del tirano* é o primeiro romance manuscrito por Liscano na prisão. Este texto teve várias versões, confirmadas pelo próprio autor. Um primeiro manuscrito começou a ser escrito em fevereiro de 1981 e finalizado durante aquele ano; no entanto, em fevereiro de 1982, foi descoberto e retido pelos militares, e nunca mais localizado. No ano de 1982, Liscano volta a manuscrevê-lo e essa versão está publicada em fac-símile no livro denominado *Manuscritos de la cárcel*, de 2010. A partir desses manuscritos de 1982, Liscano, estando na Suécia, escreve a versão de *La mansión del tirano* que será publicada pela primeira vez como livro em 1992.

própria reflexão, conjunta aos enunciados teóricos e críticos que selecionou dessas leituras salteadas. É assim que, ao elaborar um trabalho em meio a ruínas, opera a partir dos rastros deixados nos textos primordialmente ficcionais da biblioteca da prisão ou através dos rastros refletidos (também especularmente) por si mesmo em seus estudos no encerro; daí ser possível ler seu traço singular nos manuscritos produzidos por ele no cárcere.

Toda essa reflexão orbita mais em torno da arte ou da literatura, que de outras forças. Isso se assemelha ao que Liliana Reales adverte, no seu artigo “Breve asomo al heteróclito y delirante ‘atlas’ de Liscano”, ao propor a possibilidade de entrada a um lugar de nascimento de uma das séries que, segundo ela, perfilam a literatura de Liscano: de que seus escritos se destinam a “indagar la literatura de modo a producir el efecto de ‘la literatura produciéndose y produciendo su propia teoría’ en una operación literaria ‘absoluta’ que defiende la idea de que ‘la teoría de la novela debe ser una novela’” (REALES, 2013, p. 20), ideia consonante ao que afirmam os teóricos franceses Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy em *L’Absolu littéraire. Théorie de la littérature Du romantisme allemand*<sup>3</sup>.

16

Liscano leu o primeiro romantismo de Iena à sua maneira e de acordo às circunstâncias contingenciais, ou seja, através de fragmentos e por meio de pouca crítica elucidativa sobre aqueles escritores alemães e seus pensadores afins. Contudo, julgo que seu processo de reflexão, a partir de certos postulados românticos, se deu, concomitantemente, por meio da mesma literatura lida no cárcere, já que em muitas delas se encontram funcionando, entranhados em seu tramado, problemas propostos naqueles intensos dois anos em que durou a revista *Athenaeum* do círculo de Iena. É possível, portanto, erigir essa ligação dos textos de Liscano com esses problemas, já que neles desencadeiam-se os rastros que impregnam o trabalho da autoalimentação teórica que a própria literatura ficciona. Problemática essa que salta tempos e é assim percebida por Lacoue-Labarthe e Nancy:

[...] lo que nos interesa en el romanticismo es que pertenezcamos aún a la época que él inició y que esta

<sup>3</sup> Aqui me utilizo desse fundamental livro de Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy na sua tradução ao espanhol denominado *El absoluto literario*.

pertenencia, que nos define (mediante el inevitable desfase de la repetición), sea precisamente lo que no cesa de denegar nuestro tiempo. Existe hoy un verdadero *inconsciente* romántico, identificable en la mayor parte de los grandes motivos de nuestra “modernidad”. Y no es uno de los menores efectos del carácter indefinible del romanticismo el de haber permitido a dicha modernidad utilizarlo como un contrapunto sin ver, o para no ver, que no era capaz de mucho más que de volver una y otra vez a sus descubrimientos. Hacia falta toda la lucidez de un Benjamin para sospechar que en la imprecisión de los Schlegel había una trampa y para comprender que la trampa había funcionado perfectamente. (LACOUÉ-LABARTHE; NANCY, 2012, p. 40)

Ideário que o moderno já lê bem antes do final do século 18, ainda que se possa adiantar a concepção de que, segundo Blanchot (2010, p. 107), pensando com Novalis e o grupo de Iena, “o passado já é romântico”. Também por ter em conta alguns de seus modelos: Shakespeare, Dante, Cervantes, Leonardo da Vinci.

17 Todo o pensamento daquele grupo de alemães se satura com o refletir sobre a reflexão e, logicamente, manifestou-se na arte, na crítica e na teoria produzidas por eles. Não muito distante, ainda que de forma diferente, a preocupação do homem Liscano nos seus manuscritos do cárcere trata incansavelmente o constante pensar sobre o pensar, o que, por seu turno, não deve levar a crer que fora pura e simplesmente motivado pela situação de estar preso, mas antes devido ao diálogo com os livros a que teve acesso.

Juntos à reflexão, origem e salto são conceitos que permeiam a análise proposta aqui, pois sem eles, juntamente ainda com a devida discussão do espaço prisional no qual Liscano esteve absorvido, não vislumbro a possibilidade de avaliar adequadamente como se dá o processo de leitura e escrita no escritor uruguaio. Liscano espalha a terra e escava o passado, porém a busca da “origem” não deve ser compreendida como gênese; aqui a noção de origem (benjaminiana) é pensada na sua acepção alemã de *Ursprung*, que se liga a *Sprung*, também do alemão, significando “salto”, salto em direção ao novo.

Proponho que o salto de Liscano nos tempos em montagem se dá ao ler, por exemplo, Novalis, Cervantes, Onetti, Beckett, Felisberto Hernández, Kafka, Céline, Macedonio Fernández ou Borges, os quais, por sua vez, já haviam enleado seus tempos ao serem precursores de antigos e cursores de novos. Enfim, modernos e modernidade, termos aos quais necessitamos

voltar constantemente para também entender a complexa herança (-errância) dos primeiros românticos de Iena. Se o passado é romântico, o futuro também o é. E o é por sua qualidade de presente numa infinitude. Por isso recordar Didi-Huberman (2008) e os tempos heterogêneos, anacrônicos uns em relação a outros, a obra carregada de anacronismo, o passado que não cessa de reconfigurar-se, montagens de tempos.

Entendo que Liscano não projeta o silêncio num sentido ordinário, tampouco se projeta dele. Projeta sim uma vasta e peculiar biblioteca, projeta-se a partir dela; e perfaz em seus textos um diálogo por vezes aparentemente específico ou voluntariamente dirigido, mas sempre num fluxo de textos com outros vários que sussurram sem descanso. Projeta-se na lógica do “Projeto”, conforme Barthes (2005), qual seja, “lançado para diante”(do latim *projectu*). Ou ainda, Liscano dá seu salto para o passado, o qual é, ao mesmo tempo, o seu presente-futuro (com relação aos textos escritos no cárcere e seus escritos posteriores), trabalhando seus textos-pedaços a partir de uma biblioteca carcerária, essa, também, (a)parecendo fora do espaço e do tempo (pois penso aqui a relação da própria arquitetura da prisão em que estava Liscano e a paralisia da comunicação nela, questões que deverão ser discutidas em outro momento). Liscano, avalio, relê uma tradição e a rearma a partir de suas leituras salteadas, muitas delas indiretas e comumente fragmentadas.

18

Singularmente forma seu atlas teórico a partir das discussões filosóficas, teóricas e críticas que perpassam isso que chamamos modernidade e, de maneira muito especial, reflete sobre isso também através da ficção lida no cárcere. Em seus escritos carcerários há uma espécie de busca da “origem”, de retorno para repetir de outra maneira, e, disso também, trata-se seu “salto”. Mas não só isso, a origem como salto para fora da história cronológica e, mesmo, como potência dinamizadora na constituição das ideias; ainda, como método (*meta, hodos*, para além, caminho), como “algo que emerge do vir-a-ser e da extinção” (BENJAMIN, 1984, p. 68).

Os fragmentos de história intemporal que me permitem aceder à pré-história e à pós-história de um Liscano, ao qual busco uma “origem” (caminhos, saltos) de sua escrita, encontram-se dispersos em seus textos



carcerários e nos textos com os quais dialogou na prisão. Nesse processo aparece o anseio de escrever, desejo de escritor, desejo que substitui outro e que se transforma em prazer, o prazer da leitura. O escritor uruguaio, nos anos que antecedem o começo da escrita, já preso, torna-se um leitor voraz e agudo. Em 1973, no “Penal de Libertad”, lugar da maior parte do tempo em que esteve preso, viu nascer uma biblioteca que, com o passar dos anos, teve seu acervo avultado a ponto de se transformar num importante espaço gerador de reflexão e intercâmbio de conhecimento.

A biblioteca da prisão teve fundamental importância na formação do acervo intelectual de Liscano e é nela, a partir de uma seleção de livros lidos, que surgem os primeiros ensaios de formação do Liscano-escritor, e, mesmo nas leituras fortuitas, esparsas e não elegidas, havia um movimento reflexivo, até porque eram irrenunciáveis, no afã de ter algo, qualquer algo para ler. Algumas leituras são admitidas: Beckett, Kafka, Buzatti, Céline, Borges, Felisberto Hernández, Madedonio Fernández. Mas pondero que esses textos, talvez nem tantos, acabam por introduzir Liscano num ramo muito maior de conexões.

19

Por outra parte, ainda que consciente de que a obra literária não necessariamente traduz relações contíguas com o biográfico, não resta dúvida de que o contexto imediato em que foram escritos os primeiros textos de Liscano, na prisão, bem como a história pessoal que o antecede, permeiam seus passos iniciais como escritor.

Desse modo, mesmo não desejando aqui a facilidade do caminho óbvio, deve ser reiterado que em Liscano vida e obra estão intrincadas de tal maneira que na análise de sua escritura urge a necessidade do contextual. E não está demais ressaltar que o próprio ato de escrever gera outra dinâmica no seu entorno, como se as ações criativas do escritor que se gesta convertessem a realidade adjacente em uma coisa outra. É criada, logo, uma narrativa literária que se confunde com sua narrativa biográfica. Assim sendo, Carlos Liscano é, sim, um escritor do cárcere que se constrói em meio a uma violenta ditadura latino-americana, com meios e recursos limitados, portanto, não seria justo lançar-se na análise de uma obra na renúncia do que ela tem de inerente.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade: notas decurso no Collège de France 1979-1980*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_, Walter. *O conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão*. Tradução, prefácio e notas de Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1993.

BLANCHOT, Maurice. "O Athenaeum". In: \_\_\_\_\_. *A conversa infinita 3: a ausência de livro, o neutro, o fragmentário*. Trad. de João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo*. 2. ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008.

LACQUE-LABARTHE, Philippe; NANCY, Jean-Luc. *El absoluto literario: teoría de la literatura del romanticismo alemán*. 1ª ed. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2012.

LISCANO, Carlos. *Entrevista com Carlos Liscano*. Montevideu, 6 dez. 2010. Entrevista concedida a Liliana Reales e Selomar Claudio Borges. Trabalho não publicado.

20

REALES, Liliana. "Breve asomo al heteróclito y delirante 'atlas' de Liscano". In: REALES, Liliana; FERRO, Roberto (Org.). *Carlos Liscano: ficções do eu ficções do outro*. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2013. p. 11-25.

### RESUMO:

Este texto parte do estudo da obra do escritor uruguaio Carlos Liscano surgida no cárcere durante a ditadura cívico-militar no Uruguai. A ideia aqui apresentada é a de que Liscano, refletindo com os livros presentes na biblioteca da prisão, articulou a temática da reflexão de um modo que permitiu um diálogo anacrônico com o primeiro romantismo alemão.

**Palavras-chave:** Escrita carcerária; Reflexão; Primeiro romantismo; Literatura uruguaia.

### ABSTRACT:

This text begins from the work of the Uruguayan writer Carlos Liscano, which has arisen on prison, during the civic-military dictatorship of Uruguay. The idea presented here is that Liscano, reflecting with books on the prison library, articulated the reflexing thematic in a manner that allowed an anachronistic dialog with the early German romanticism.

**Keywords:** Prison writing; Reflection; Early romanticism; Uruguayan literature.

Recebido em: 22/07/2019

Accito em: 30/10/2019